



Dra. Francelise Bridi Cavassin: “Não consigo imaginar um projeto de MSF sem farmacêutico”

Uma farmacêutica brasileira no Médicos Sem Fronteiras

Por Aloísio Brandão, jornalista do CFF e editor da revista “Pharmacia Brasileira”

Só o desejo de prestar ajuda humanitária pode justificar a atitude de uma farmacêutica jovem, que deixa o conforto de sua casa, a família e os amigos, para atuar, em um país distante, em situações extremas, como guerras, epidemias e catástrofes naturais. Foi tocada por esse sentimento que a Dra. Francelise Bridi Cavassin integrou a organização Médico Sem Fronteiras (MSF), para trabalhar em missões, no Iraque em guerra, no Iêmen mergulhado em grave desastre humanitário; em uma cidadezinha da Índia, onde grande parte da população tinha tuberculose e Aids; na Serra Leoa, com crianças desnutridas e afetadas por diversas doenças infecciosas.

A rotina, nas missões que integrou, incluía morar, no próprio hospital, sem poder sair; tomar banho com uma caneca de água fria e usar banheiros sem vasos sanitários, entre outros desconfortos; enfrentar pressões intensas, como bombardeios em guerras e surtos de doenças graves. “Na emergência, muitas vezes, a situação muda, de um dia para o outro, e o projeto precisa ser readaptado, imediatamente, como a construção de uma nova ala do hospital”, explica a Dra. Francelise Bridi Cavassin.

Graduada em Farmácia, com habilitação em Análises Clínicas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), em 2004, Francelise tem pós-graduação em Farmacologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e em Administração Hospitalar pela *FAE Business School*, em Curitiba (PR). É, ainda, mestre em Microbiologia, Parasitologia e Patologia pela UFPR e cursa o doutorado em Medicina Interna pela mesma instituição de ensino. Francelise Bridi Cavassin atua, também, como professora dos cursos de Medicina, Biomedicina, Farmácia e Enfermagem da Faculdade Pequeno Príncipe (FPP), desde 2014.

MSF - A organização Médicos Sem Fronteiras foi criada, em 1971, na França. O motivador da iniciativa foi a experiência de médicos e jornalistas com crises humanitárias internacionais e com a missão de levar ajuda médica a esses contextos. O MSF tem 462 projetos, em 72 países em todo o mundo. Para saber mais sobre a organização, acesse o site www.msf.org.br

A revista PHARMACIA BRASILEIRA entrevistou a farmacêutica sem fronteiras Dra. Francelise Bridi Cavassin sobre as suas experiências mundo afora no Médico Sem Fronteiras. **VEJA A ENTREVISTA.**



PHARMACIA BRASILEIRA - Dra. Francelise Bridi Cavassin, o Médicos Sem Fronteiras (MSF) é uma organização humanitária internacional que leva cuidados em saúde a pessoas afetadas por graves crises humanitárias, em todo o mundo. A gestão de medicamentos e outros produtos para a saúde é uma das principais atividades dos farmacêuticos que atuam no MSF. Há diferenças entre um trabalho de gestão de medicamentos em situações de normalidade e em situações extremas, como epidemias, guerras, catástrofes naturais, desnutrição e outras? Como é realizada a gestão em contextos tão excepcionais?

Dra. Francelise Bridi Cavassin - Sim, há diferença. O que chamamos de projeto regular, em que o MSF estabelece-se, em um país, e pode inclusive trabalhar em parceria com as secretarias de saúde de governos locais, tem uma estrutura e fluxo diferente de trabalho, quando comparado a um projeto de emergência em que o MSF age, de forma muito rápida e bastante independente.

Em projetos regulares, geralmente, nós, farmacêuticos, temos conhecimento do orçamento anual que será usado para compras e pedidos médicos e, assim, controlamos o consumo, a validade, as entregas, de forma precisa e sem grandes mudanças, pois foi realizado todo um planejamento baseado em cálculos de consumo prévio para o ano que se inicia.

Na emergência, muitas vezes, a situação muda de um dia para o outro, e o projeto precisa ser readaptado. Isso acontece, de forma imediata, como a construção de uma nova ala do hospital ou algum serviço que não tinha a previsão de ser ofertado e que precisa ser implantado, com urgência. Assim, a farmácia precisa, também, se adaptar rapidamente e buscar alternativas para que essas mudanças não causem impacto significativo na oferta de insumos, no dia a dia. A gestão farmacêutica acaba sendo diária e é fundamental, sempre, estar acompanhando o estoque, para identificar possíveis rupturas. Em alguns momentos, torna-se necessário o empréstimo de materiais e medicamentos, para evitar sua falta.

No Iraque, muitas vezes, meu estoque de um determinado item era, por exemplo, de 300 ampo-

las, na hora que terminava meu expediente, e, na manhã seguinte, estava zerado. Fica difícil prever o consumo, quando não se sabe o que irá acontecer, principalmente, em regiões de conflitos e guerras. Os pacientes simplesmente vão chegando, e a quantidade pode ser absurdamente alta, em poucas horas. Mas organização é tudo e, por isso, precisamos de profissionais qualificados e preparados para trabalhar firme em tais condições.

PHARMACIA BRASILEIRA - Na organização Médicos Sem Fronteiras, vocês, farmacêuticos, atuam diretamente junto aos pacientes, prestando-lhes cuidado farmacêutico?

Dra. Francelise Bridi Cavassin - Depende muito do contexto e da posição (vaga) ofertada a esse profissional. O farmacêutico que é chamado para trabalhar diretamente no hospital, sim, tem condições de realizar um cuidado próximo ao paciente. Se não for diretamente ao paciente, será com a equipe, de forma que seu apoio e conhecimento técnico facilitarão muito o trabalho dos colegas médico, enfermeiro e tantos outros.

Somos um time e todos se ajudam. Na Índia, eu trabalhei muito com a promotora de saúde, que era uma médica da Armênia. Ajudava na orientação aos pacientes que recebiam medicamento para tratamento de tuberculose multirresistente. São muitos comprimidos cheios de efeitos colaterais, e a adesão ao tratamento precisa ser efetiva, pois ele pode se alongar por até dois anos.

Então, foi muito bacana essa parceria. Tornamo-nos grandes amigas pelo tempo que passamos juntas. Agora, se a vaga for para trabalhar na coordenação, o farmacêutico não estará no ambiente hospitalar e suas funções e obrigações serão outras. Nesses casos, o profissional mora, na capital do país, e está envolvido com a logística de recebimento dos insumos, por exemplo, em região portuária, para liberação de contêineres etc.

PHARMACIA BRASILEIRA - Que estrutura os farmacêuticos encontram no MSF para trabalhar?

Dra. Francelise Bridi Cavassin - Eu confesso que fiquei impressionada com as condições ofer-



tadas pela organização, quando saí para minha primeira missão com Médicos Sem Fronteiras. Não fazia ideia dos critérios e protocolos exigidos para a manutenção da qualidade dos serviços prestados. Primeiro, o farmacêutico passa pelo centro operacional pelo qual foi contratado, que fica, na Europa. Lá, recebe as informações e os treinamentos necessários, antes de viajar para seu destino final.

Em Bruxelas, o centro de distribuição de suprimentos de MSF é gigantesco e segue as boas práticas europeias de armazenamento e acondicionamento de insumos médico-hospitalares. Eu fiquei encantada, ao ver os detalhes da cadeia fria de suprimentos, de como é feito o monitoramento de temperatura de um lote de vacinas, por exemplo, que viajará, por três meses, em um navio, até chegar, em uma pequena cidade, no interior da África.

Em campo, as farmácias são estruturadas, conforme os protocolos definidos por MSF. Os farmacêuticos são responsáveis por implementar e seguir à risca tais recomendações. Temos ar condicionado, em todos os ambientes, mesmo se o projeto estiver numa região que nem energia elétrica possui. Para isso, geradores são instalados e, assim, garantimos que as geladeiras e os medicamentos sensíveis às temperaturas possam ser armazenados em condições ideais. É incrível.

PHARMACIA BRASILEIRA - Atuar no Médicos Sem Fronteiras, como a senhora disse, reserva aos farmacêuticos experiências imprevisíveis. Fale sobre a sua experiência, nos países em que atuou, principalmente, no Iêmen. O que mais marcou a senhora naquela missão?

Dra. Franceline Bridi Cavassin - Eu, sempre, amei a área de farmácia hospitalar e trabalhei, durante anos, no Brasil, diretamente com isso, mas parecia não ser o bastante. Eu queria utilizar meus conhecimentos em prol de comunidades desprovidas de cuidados de saúde, em situações extremas, pois sabia que havia pessoas que sofriam muito pela falta de acesso a medicamentos e cuidados básicos.

Quando fui para a Índia, em uma cidadezinha chamada Mon, no noroeste do País, percebi que

consegui utilizar muito mais as qualidades de um farmacêutico do que aquelas onde, antes, eu trabalhava, porque eu tinha que fazer gestão de equipe, planejamento, administração, organização, além de acompanhar a parte clínica.

Exigia muito mais de mim do que simplesmente fazer compras ou montar kits para cirurgias ou, ainda, ter que passar muito tempo explicando para alguns profissionais sobre o uso racional de certos medicamentos e implorar para que protocolos devessem ser colocados em prática etc. Eu cresci muito, realizando muitas atividades que eram fundamentais para o projeto.

Preparar treinamentos, produzir relatórios, orientar os pacientes de TB (tuberculose)/HIV junto com a promotora de saúde, lidar com idiomas diferentes. Tudo isso me fez sentir valorizada e me motivou a, sempre, responder essas exigências. Em sete meses, eu desenvolvi um esquema tão legal de controle de distribuição de insumos para todas as alas do hospital que a coordenação me pediu para estender a minha permanência. E era só a minha primeira experiência em um projeto de MSF. Era tudo novo para mim.

Em Serra Leoa, vivi, por um ano, em Bo, cidade tranquila e que me fez amar a África. Nosso hospital era enorme, com mais de 200 leitos exclusivamente pediátricos. Nós éramos um time de 32 expatriados e cerca de 550 profissionais locais, naquele ano. A interação com a equipe médica era incrível. Eu participava, todas as manhãs, da reunião clínica para saber como deveríamos desenvolver as atividades do dia, sempre, à disposição dos colegas, das equipes e dos pacientes.

Nesse projeto, fui muito ativa nas diversas alas pediátricas, e colaborei muito com treinamentos, implantação de serviços e protocolos de MSF. Foram exatos 365 dias trabalhando com crianças desnutridas e afetadas pelas mais diversas doenças infecciosas que você pode imaginar. Um pedacinho do meu coração morreu, acho, com tanto sofrimento que testemunhei, mas os outros 99% me encheram de esperança, por saber que estávamos realmente fazendo a diferença, naquele lugar.



Quando fui chamada para ir para o Iraque, lembro que era 26 de dezembro de 2016, um dia depois do Natal. Em 48 horas, estava eu dentro do avião, partindo para meu terceiro projeto em campo. Era a minha primeira vez em emergência de conflito armado, tão noticiado pela mídia: a guerra contra o Estado Islâmico, em Mossul.

De todos, sem dúvida, foi o melhor projeto. Surpreendi-me muito com minha capacidade de trabalhar sob pressão, em um contexto de segurança extremo, com um volume de atendimento absurdo, em nosso hospital de trauma, recebendo feridos de guerra, a todo o momento, e, ainda, com um clima que variava de - 2° a 5° C.

Nada típico para uma brasileira, que vive em “*um país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza*”, como diz a música (NR.: de Jorge Benjor). Nosso hospital havia iniciado as atividades, no começo do mês de dezembro, e tive a oportunidade de praticamente montar a farmácia, começando do zero, seguindo perfeitamente os protocolos estabelecidos por MSF. Eu tinha apenas um ajudante iraquiano que falava razoavelmente o inglês e que me ajudou (e muito), no dia a dia superagitado da farmácia.

Minha última experiência em MSF foi, no Iêmen, País do Oriente Médio de onde voltei, no final de janeiro deste ano de 2019. Como agora sou docente de uma Instituição de ensino superior, além do doutorado, fico limitada a oferecer meu período de férias para o trabalho humanitário. E, assim, aconteceu. Na manhã seguinte, após encerrar as atividades acadêmicas, embarquei para Aden, cidade localizada no sul do País, que atualmente encontra-se com o sistema de saúde desestruturado, desde 2015, quando a guerra começou.

A situação do Iêmen pouco aparece na mídia, mas, hoje, é considerada como o maior desastre humanitário do mundo. Lá, nosso hospital conta com 83 leitos e é especializado em traumatologia e cirurgias complexas para ferimentos de bala, de explosivos e de outras armas de fogo. Dessa vez, fui como subcoordenadora farmacêutica, pois a coordenação que se encontra, na capital, tinha

dificuldade de se deslocar até o sul pela situação dos conflitos.

Comigo, uma equipe de mais cinco farmacêuticos iemenitas fechava a equipe da farmácia. Todos nós éramos farmacêuticos. Imagine o trabalho maravilhoso que foi possível desenvolver! Fiquei impressionada com a qualidade daqueles profissionais. Pouco precisei treinar ou ensinar coisas novas. Acho que aprendi mais com eles do que o contrário. Eram realmente dedicados e comprometidos mediante a situação vivenciada pelo próprio povo.

Por ser um hospital bastante equipado para o contexto de conflitos, na região, muitos dos materiais e medicamentos que chegavam ao local eram distribuídos para outros postos de saúde apoiados por Médicos Sem Fronteiras e, também, para outros projetos de MSF, em diversas regiões do País. Éramos nós que organizávamos a logística de distribuição para todos esses outros locais, o que era um trabalho e tanto.

O estoque, a cada hora, nunca era o mesmo. Lidar com essas flutuações e evitar, ao máximo, a ruptura do estoque central era, sempre, um desafio. Além disso, tínhamos que considerar a legislação do País e pensar em alternativas, porque determinados medicamentos (principalmente, os controlados) tinham uma burocracia maior para serem importados.

Acho que foi a missão mais cansativa de todas, pelo fato de trabalhar e morar, no hospital, sem qualquer atividade social fora dele. Ou seja, o time tinha que dar certo, para que a convivência fosse tranquila e os fins de semana possíveis de dar uma relaxada. O que mais me marcou, sem dúvida, foi ver a dificuldade enfrentada pela população. A guerra não perdoa. Ela tira todo o sonho, toda a esperança, todo o brilho no olhar de ver a vida como algo bom.

PHARMACIA BRASILEIRA - O que a levou, Dra. Francelise Bridi, a atuar no MSF, com desafios tão sobre-humanos? O amor à profissão e às pessoas foi decisivo?

Dra. Francelise Bridi Cavassin - Na verdade, eu não tenho essa visão do dia a dia, quando estou trabalhando em algum projeto de MSF. Quando me perguntam sobre as dificuldades, eu penso sempre

ENTREVISTA

COM DRA. FRANCELISE BRIDI CAVASSIN



em como “o contexto é delicado para questões logísticas de chegada dos medicamentos de que tanto preciso” ou “o projeto está recebendo muitos pacientes e minha farmácia está pequena para armazenar tantas caixas”.

Eu comento sobre questões de alimentação, moradia e condições sanitárias, mais porque as pessoas têm curiosidade para saber como vivemos, nesses locais. Mas não que isso seja uma questão para mim. Morar, no hospital, é algo diferente, claro, pois há o fator estresse/cansaço de ficar praticamente confinado, num mesmo local em que já permaneceu um dia todo trabalhando.

Mas, na minha cabeça, pelo menos, compreendi que cada lugar é “meu”, por um tempo determinado, e que estou, ali, para trabalhar e dar o melhor de mim. Agora, já pensou na população que, ali, vive? Essa é a realidade de todos os dias. Muitas vezes, por uma vida inteira. A vontade de trabalhar para essas pessoas é o que nos move.

PHARMACIA BRASILEIRA - O que o farmacêutico que deseja ingressar no MSF deve fazer?

Dra. Franceline Bridi Cavassin - Primeiro, quem estiver interessado em trabalhar com Médicos Sem Fronteiras deve acessar o website (www.msf.org.br), para se familiarizar com a Organização e o tipo de trabalho que realizamos. Em seguida, deve verificar os critérios de seleção. Se o profissional preencher todos os critérios, é só seguir as instruções do site para enviar a candidatura.

A seleção começa com a avaliação do currículo e da carta de motivação do candidato. Em seguida, vem o contato por telefone ou *Skype* para uma pré-entrevista (geralmente, já em inglês ou francês). Se aprovado, será convidado a participar do “dia de recrutamento”, no escritório de MSF, com entrevistas e exercícios individuais.

PHARMACIA BRASILEIRA - Quais foram as maiores dificuldades que encontrou? Há espaço para ter medo, atuando no MSF?

Dra. Franceline Bridi Cavassin - Medo? Acho que o medo do tipo “frio na barriga” tem espaço,

pois, cada vez que me ligam pra dizer algo como “Fran, você iria para o Iraque? A resposta tem que ser dada ainda hoje” faz com que a cabeça vire do avesso, por alguns minutos. Antes de embarcar para me despedir da família e amigos, o friozinho volta e o pensamento, muitas vezes é “onde eu estava com a cabeça de ter aceitado uma missão como essa?”.

Ah! Mas, no momento em que pisamos em campo, tudo isso fica para traz, e a nova jornada inicia-se. Aí, acho que vai mais da capacidade do profissional de trabalhar nos diferentes contextos para os quais é enviado. Falando por minhas experiências, depois que passam as primeiras 72 horas, que você já entende bem o contexto e como o projeto funciona, só há espaço para trabalhar, com alegria. É inexplicável.

PHARMACIA BRASILEIRA - Pretende continuar trabalhando no MSF?

Dra. Franceline Bridi Cavassin - Sem dúvida! Pretendo continuar, enquanto eu puder e enquanto a organização precisar de uma farmacêutica que ama estar em qualquer lugar deste mundo (risos). No momento, estou me dedicando ao doutorado e, mesmo assim, há espaço para missões de emergência, em períodos de férias, durante o Natal e o Ano Novo.

PHARMACIA BRASILEIRA - As missões do MSF podem prescindir dos serviços farmacêuticos?

Dra. Franceline Bridi Cavassin - Não consigo imaginar um projeto de MSF sem farmacêutico. Nós estamos, lá, sempre, para agregar a equipe, fornecendo apoio técnico aos demais profissionais, para melhorar a gestão da farmácia (seja a hospitalar ou no nível de coordenação), oferecendo treinamento aos *staffs* nacionais que fazem parte da equipe e, também, no contato que temos com o paciente, podendo avaliar se as terapias e os insumos estão sendo efetivos ou até para monitorar a adesão ao tratamento, entre tantas outras possibilidades que o farmacêutico pode oferecer. No fim, digo que somos fundamentais, para garantir a qualidade dos serviços que MSF tanto preza.